

Arquiteturas de participação aplicadas ao *crowdsourcing*: sistematizando processos e práticas de apuração jornalística em ambientes digitais convergentes¹



Jan Alyne Barbosa Prado

*Doutora em Comunicação e Cultura
Contemporâneas pela Universidade
Federal da Bahia (UFBA)*

*Docente de Comunicação Social da Universidade
Federal de Ouro Preto (UFOP)
E-mail: janalyne@gmail.com*

Edienari Oliveira dos Anjos

*Mestre em Comunicação pela Universidade
Federal do Piauí (UFPI)
E-mail: edienaridosanjos@gmail.com*

Resumo: O artigo tem por objetivo sistematizar e discutir, por meio de casos específicos, como as práticas colaborativas, dentro das quais o *crowdsourcing* se insere, são potencializadas por arquiteturas de participação mais abertas, expandindo o escopo de práticas de apuração da notícia. Acreditamos que as potencialidades e limitações ligadas às iniciativas descritas aqui são úteis para se pensar algumas dinâmicas de apuração em ambientes digitais e processos produtivos convergentes.

Palavras-chave: Apuração jornalística, arquitetura de participação, *crowdsourcing*.

Arquitecturas de participaci3n se aplican a crowdsourcing: procesos de sistematizaci3n e investigaci3n periodística de pr3cticas convergentes en entornos digitales

Resumen: En este artículo se pretende sistematizar y analizar, a través de casos concretos, como las prácticas de colaboraci3n dentro del cual el *crowdsourcing* es parte, se ven reforzadas por la arquitectura de participaci3n más abiertas, ampliando el alcance de las prácticas de investigaci3n de noticias. Creemos que el potencial y las limitaciones de las iniciativas descritas aquí son útiles para pensar sobre algunas dinámicas de verificaci3n en entornos digitales y procesos productivos convergentes.

Palabras clave: Investigaci3n periodística, arquitectura de participaci3n, *crowdsourcing*.

Participation architectures applied to crowdsourcing: systematizing processes and practices of journalistic verification in convergent digital environments

Abstract: This article aims to systematize and discuss, through specific cases, how collaborative practices within which the *crowdsourcing* is part, are enhanced by opener architectures participation, expanding the scope of news investigation practices. We believe the potential and constraints of the initiatives described here are useful to think about some dynamics of verification in digital environments and converging processes, but at the same time.

Keywords: Journalistic verification, architecture of participation, *crowdsourcing*.

Vivenciamos um contexto de constantes mutações, à medida que a tecnologia se aprimora, reduz distâncias e acelera o trabalho de investigação dos jornalistas. Estes profissionais incorporam em suas práticas diárias recursos, ferramentas e dispositivos que facilitam a obtenção de informações, de forma a ampliar as possibilidades de apuração, produção, circulação e distribuição da notícia.

Da pauta até a distribuição, passando pela circulação, todas as etapas que compõem os processos produtivos jornalísticos podem ser favorecidas por arquiteturas de participação mais abertas, que fomentam a inserção do público/usuário em diversas instâncias que circunscrevem a apuração. Dentre uma série de práticas colaborativas engendradas na rede, destacamos o modelo *crowdsourcing*

¹ Este trabalho recebeu o apoio da FAPEMIG.

– fonte de informação oriunda da multidão (Howe, 2009) – que conta com a participação ativa dos usuários que interagem objetivando cumprir tarefas, e no caso da apuração jornalística, encontrar fontes, de modo a aumentar a resolução semântica da notícia ou do acontecimento (Fidalgo, 2007).

Nesse sentido, o artigo tem por objetivo sistematizar, ilustrar e discutir, por meio de um estudo exploratório, como as práticas colaborativas, dentro das quais o *crowdsourcing* se insere, são potencializadas por arquiteturas de participação mais abertas,

A diversidade de plataformas, ferramentas, narrativas e sistemas de gerenciamento de conteúdo em ambientes convergentes põem em xeque as dinâmicas tradicionais de apuração

de modo a expandir o escopo de práticas de apuração da notícia. Acreditamos que as potencialidades e limitações ligadas às iniciativas descritas aqui são úteis para se pensar dinâmicas de apuração em ambientes digitais e processos produtivos convergentes,² mas que ao mesmo tempo, suscitam implicações deontológicas ligadas à profissão.

Apuração jornalística em ambientes digitais

As ferramentas e ambientes digitais têm modificado os processos produtivos nas

² Para o presente artigo, adotaremos a noção de continuum multimídia (Barbosa, 2013, p. 38), uma vez que “abrange aspectos relacionados aos desenvolvimentos tecnológicos, à absorção de novos procedimentos para realizar os processos e rotinas de produção do jornalismo, como também os avanços já empreendidos nos estudos para o melhor entendimento do fenômeno da convergência jornalística, suas particularidades, consequências e também divergências”.

redações, e mais especificamente, no que diz respeito às práticas de apuração, por uma série de razões que discorreremos ao longo deste artigo.

Em 2003, Machado se aproximava da questão explicando a existência de uma inversão nos modos tradicionais de produção da notícia já que, no jornalismo praticado nas redes, antes de o repórter ir à rua e coletar as informações de que precisa, ele “empreende um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia ou reportagem” (p. 31), utilizando, principalmente, os dispositivos móveis para obtenção das informações de que precisa.

O autor afirmava à época que a inversão do processo de apuração da notícia possibilitada pelas redes telemáticas não anulava os postos tradicionais de coleta de informações, a exemplo das coberturas setorializadas nas prefeituras, sindicatos, assembleias legislativas, governos estaduais, municipais ou federais. Indicava apenas que no ciberespaço o jornalista convive com uma multiplicidade de fontes de informação de maneira acessível.

Virissimo (2008) em pesquisa sobre apuração na internet ressaltava as tendências, potencialidades e limites das práticas de apuração da notícia na rede. Quanto às tendências, a autora identificou aspectos relacionados entre a convergência no jornalismo e a integração das redações dos grandes grupos de comunicação que atuam no impresso, na Web, no rádio e/ou televisão e a busca por informações em bases de dados digitais.

As potencialidades, por sua vez, diziam respeito à qualidade de apuração da notícia na internet e sua capacidade de aprofundamento na exploração de um tema, à diversidade de enquadramentos e de fontes de pesquisa e consulta. Em outras palavras, potencializavam o aumento da resolução semântica do acontecimento (Fidalgo, 2007).

Por outro lado, as potencialidades, ainda de acordo com Virissimo, esbarravam nos limites, a saber: 1) pouca habilidade do profissional em pesquisar informações com

rapidez no âmbito da rede; 2) excesso de dados que retarda o processo acelerado de produção jornalística; e 3) baixo índice de credibilidade dos conteúdos disponíveis em geral na Internet, desestimulando o jornalista a buscar fontes e dados alternativos aos oficiais (Virissimo, 2008, p. 7).

Mais recentemente, é possível observar a diversidade de processos e práticas de apuração na Web, que envolvem o uso de bases de dados, pautados por processos de automação, eliminando o “trabalho braçal” e permitindo que os “jornalistas gastem mais tempo pensando”,³ como observa Dória (2012, online), ao descrever um processo de apuração automatizado levado a cabo no Los Angeles Times:

O Brasil não tem uma boa legislação que regulamente a disponibilidade pública de dados que deveriam ser públicos. Nos EUA, os vários órgãos de governo são pressionados a fazê-lo digitalmente. É o caso da LAPD, a Polícia da cidade de Welsh. Todo fim de madrugada, jornais e cidadãos interessados recebem uma tabela com a lista das prisões feitas no dia e na noite anteriores. Nada complexo: uma planilha de Excel. Lá está o nome de quem foi preso, profissão, local em que ocorreu, crime do qual o sujeito é acusado. Ben Welsh escreveu um programinha simples que lê diariamente esta planilha, distribui num banco de dados e faz algumas análises. Como se trata de Los Angeles, terra máxima das celebridades, a primeira coisa que o software pinça é se há um ator ou músico entre os presos da noite. Ele compara também a natureza dos crimes. Há nas últimas semanas, por exemplo, uma incidência maior de furtos nalgum canto específico da cidade? O crime cometido é um crime muito raro de ocorrer? O indivíduo preso é acusado de uma série particularmente longa de crimes? É tudo coisa que um repórter policial experiente buscaria. O programa faz isso em poucos segundos.

³ Embora neste enunciado, Dória se refira especificamente à existência de softwares que automatizam a escrita de matérias jornalísticas, consideramos que esta afirmação também se estende aos processos de apuração automatizados.

A diversidade de plataformas, ferramentas, sistemas de gerenciamento de conteúdo, possibilidades narrativas e processos produtivos em ambientes convergentes põem em xeque as dinâmicas tradicionais de apuração nas redações. Nesse sentido, Mielniczuk e Marques (2007) argumentam que as tecnologias têm o potencial de modificar o processo produtivo da notícia já instituído, condicionando práticas de apuração da notícia, conforme sejam as características do produto informativo, dentre as quais figuram a necessidade de se incorporar práticas colaborativas ao processo.

Um exemplo mais radical que ilustra a complexidade dos processos e práticas de apuração jornalística, como condicionantes dos produtos informativos e que envolvem práticas colaborativas, pode ser ilustrado através do especial multimídia desenvolvido por The New York Times, em 2010, intitulado “Tracking the Oil Spill in the Gulf”.⁴ Mais especificamente, do infográfico interativo animado, que quando acionado por um ícone em forma de botão *play*, vai exibindo, durante cerca de 1 minuto, um contínuo de informações compostas por todas as manchetes publicadas no jornal impresso homônimo a respeito do vazamento de petróleo no Golfo do México entre 22 de abril e 2 de agosto do mesmo ano. Dentre tantas outras informações, a peça fornece uma síntese do histórico do derramamento, através das manchetes do jornal, armazenadas em uma base de dados, bem como da extensão do espalhamento do petróleo no Golfo (em milhões de barris), sob forma de manchas demarcadas num mapa animado e quadro a quadro, e de relatos sobre as localidades em que o petróleo atingiu a costa.⁵

⁴ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2010/05/01/us/20100501-oil-spill-tracker.html>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

⁵ O produto foi construído por uma equipe multidisciplinar composta por sete pessoas, entre designers, cartógrafos, editores gráficos, especialistas em reportagem guiada por dados, design de informação, desenvolvimento de reportagens multimídia etc. Além das bases de dados de *The New York Times*, as fontes que colaboraram para a construção do infográfico animado foram: *National Oceanic and Atmospheric Administration*, *U.S. Coast Guard*, *SkyTruth* e *Roffer's Ocean Fishing Forecasting Service*.

Independentemente da natureza dos *media*, a descentralização da produção e a liberação do pólo emissor potencializa que a testemunha, o cidadão ou o especialista sugiram pautas e fontes e colaborem diretamente com a produção do conteúdo. Isso se deve, principalmente, aos recursos interativos disponíveis na rede, que configuram distintas arquiteturas de participação para a construção e circulação do relato jornalístico. “[...] Com o avançar da interatividade e a sua interferência no fazer jornalismo, verificamos que a notícia é intermediada por um novo espaço de apuração, que ocorre dentro do próprio ciberespaço e não em ambiente exterior a ele” (Rêgo, 2007, p. 61).

2. Arquiteturas de participação aplicadas ao *crowdsourcing* no Jornalismo

Embora a noção de arquitetura de participação ainda não esteja sedimentada como um conceito, acreditamos que ela é útil para se pensar as potencialidades e limitações quando da inserção de diversos atores nas práticas e processos produtivos jornalísticos.

Seguindo a lógica que permeia a definição de arquiteturas de informação (Salaverría, 2005), podemos definir a arquitetura de participação como a organização dos fluxos, espaços ou campos por onde o usuário deverá participar ou colaborar, no sentido de fornecer informações relevantes para a construção do relato jornalístico. Se o arquiteto distribui as instâncias do edifício em distintos andares e o obriga a desenhar corredores, escadas e passarelas que conectem estas instâncias entre si (Ibidem), as arquiteturas de participação são permeadas pela integração de sistemas, ferramentas e práticas que estimulam a participação de usuários e fontes em potencial em diversas instâncias de apuração.

O *crowdsourcing*, por sua vez, é um termo fruto da junção das palavras *crowd* (multidão) e *source* (fonte). Parte da premissa da união das pessoas para resolver problemas

em conjunto, configurando redes de colaboração, destinados a gerar soluções num ambiente conectado.

O primeiro registro de uso do termo *crowdsourcing* apareceu na revista especializada em tecnologia *Wired*,⁶ e publicado por Jeff Howe no mês de junho do ano de 2006. O termo é resultado das expressões *outsourcing* (terceirização) e *wisdom of crowd* (sabedoria da multidão), como revela Pisani e Piotet (apud Fabian, 2010, p. 140). Bittencourt e Filho (apud Fabian, 2012, p. 33) afirmam que a junção das palavras realizada por Howe (2009) reforça a ideia de “colaboração em massa”, facilitando o entendimento de busca de mão de obra vinda de fora das empresas. As primeiras aplicações do *crowdsourcing* advêm da área administrativa e dos negócios, visando a terceirizar mão de obra do próprio público consumidor para encontrar soluções e alternativas na concretização de projetos, assim como financiá-los (Howe, 2009).

Quando aplicado ao Jornalismo, pelas características de participação e engajamento, podemos creditar ao *crowdsourcing* uma modalidade do jornalismo participativo ou colaborativo na rede,⁷ implementado ou viabilizado novas práticas jornalísticas conforme sejam as arquiteturas de participação ligadas aos processos de apuração. Briggs (2007, p. 49) afirma que o termo é reconhecido por muitos como: (...) sinônimo de investigação ou reportagem “compartilhada”, “colaborativa”, “distribuída” ou em “código aberto”.

Diferenciando as duas nomenclaturas, Briggs (2007) explica que o modelo *crowdsourcing* é frequentemente direcionado à “produção continuada de informação, enquanto a reportagem compartilhada está ligada à execução de um projeto específico e com tempo determinado como, por exemplo, responder a uma pergunta específica ou fazer uma reportagem sobre um assunto

⁶ Disponível em: <<http://www.wired.com/wired/archive/14.06/crowds.html>>. Acesso em: 15.jul. 2014.

⁷ Consideramos as duas nomenclaturas como sinônimas, pois ambas abarcam o escopo de ações que envolvem a participação do usuário em práticas jornalísticas.

específico [...]” (p. 49). No entanto, entendemos o *crowdsourcing* e reportagem compartilhada como sendo modalidades semelhantes.

Träsel (2010) estabelece um paralelo entre os estudos da computação distribuída, através do conceito ‘jornalismo distribuído’ cunhado por Gillmor (2005). Para Träsel, a denominação mais cabível à distribuição de atividades no webjornalismo seja a de “apuração distribuída”, considerando a prática como sendo “a delegação de tarefas menores constituintes de um processo de apuração a uma coletividade que queira oferecer seu tempo livre para desempenhá-la” (2010, p. 223). Logo, o autor revela a relação de apuração distribuída com o *crowdsourcing*, já que também existe terceirização de atividades produzidas pelo conhecimento coletivo de uma determinada comunidade.

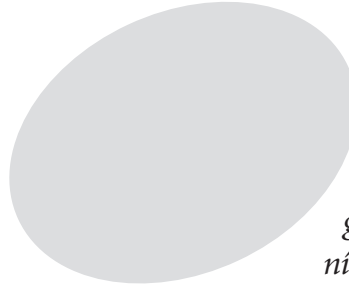
O *crowdsourcing* compreende modalidades de participação em ambientes que fomentam a busca por fontes de notícia. Estas, por sua vez, constituem a espinha dorsal da reportagem, sem a qual não é possível concretizar uma notícia ou aferir a sua qualidade (Pereira Junior, 2009). É ela que fornece depoimentos e declarações sobre o assunto que está na pauta do repórter.

O caminho para encontrar uma fonte relevante para a construção da reportagem, muitas vezes não é fácil. Lidar com limites de tempo para apuração dos acontecimentos e o improviso também fazem parte dessa rotina. Telefonemas que não dão certo, entrevistados que não chegam na hora marcada ou não se fazem presente no local combinado da entrevista são alguns dos empecilhos enfrentados quotidianamente pelos repórteres.

Os ambientes digitais convergentes, nesse sentido, podem atenuar tais problemas, consoantes às arquiteturas de participação que encorajam processos e práticas de apuração distribuída e *crowdsourcing* diversos, de modo a facilitar a localização de fontes relevantes para a construção do relato jornalístico. Vejamos, por exemplo, um caso considerado bem sucedido, relatado pela

vice-editora do *The Guardian* e editor-chefe do *The Guardian Austrália*, Katharine Viner:⁸

Em abril de 2010, o vazamento de petróleo Deepwater Horizon, no Golfo do México estava fora de controle. O óleo estava jorrando e ninguém sabia como contê-lo. BP [British Petroleum] havia realizado uma



Se por um lado a tecnologia potencializa a divulgação de vários ângulos da realidade, por outro requer cuidado na filtração de informações disponíveis em ambientes digitais

chamada em busca de soluções, aparentemente porque eles não sabiam mais o que fazer. Assim, a equipe de meio-ambiente do *The Guardian* fez a sua própria chamada, intitulada: envie-nos suas ideias de como conter o vazamento de petróleo do Golfo. Criamos um Googledoc⁹ para os leitores postarem suas sugestões, e antes sabíamos que tínhamos sugestões de mergulhadores profissionais, engenheiros navais, físicos, bioquímicos, engenheiros mecânicos, petroquímicos e trabalhadores de mineração, especialistas em tubagens. Nós selecionamos algumas das melhores sugestões, e as submetemos a escrutínio. Era uma peça incrivelmente rica e profunda, tornada possível por causa das pessoas anteriormente conhecidas como o público. Alguns de seus leitores realmente sabem mais do que você.

De acordo com um levantamento realizado por Sousa (2013), em Teresina, capital do Estado do Piauí, o grupo de comunicação

⁸ The rise of the reader: journalism in the age of the open web. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentis-free/2013/oct/09/the-rise-of-the-reader-katharine-viner-an-smith-lecture>>. Acesso em: 28 jul. 2014.

⁹ Disponível em: <<http://www.theguardian.com/environment/blog/interactive/2010/may/17/deepwater-horizon-oil-spill>>. Acesso em: 29 jul. 2014.

Meio Norte e mais especificamente o programa de TV *Ronda*, vinculado à TV Meio Norte, estimula a participação dos telespectadores quanto à sugestão de pautas através de uma série de ambientes e ferramentas digitais.¹⁰ A audiência que já interagia com o programa através de cartas ou ligações telefônicas, passou então a ser estimulada a colaborar, tanto através do contato com o apresentador quanto com a produção, enviando sugestões de pauta, recados, reclamações e críticas ao programa ou colaborando com o envio de fotos, vídeos etc.

Com uma dupla função de apoiar a produção do programa e facilitar a participação do público, o grupo Meio Norte disponibilizou a plataforma “*cidademeionorte.com*”, atualmente desativada. Nela, o usuário podia inserir dados referentes a reclamações de acordo com categorias que abrangem a editoria de cidades e identificar onde os problemas ocorrem no território de Teresina através de um mapa agregado, consoante algumas

categorias. As reclamações eram classificadas como “Resolvidas” e “Não Resolvidas”, de acordo com a verificação e solução dos casos.

Nessa plataforma, a produção do programa pode visualizar o nome, o telefone e o bairro do autor da mensagem. Se a sugestão render matérias, a informação é checada e o autor é convidado para ser fonte da reportagem.

Outro exemplo de plataforma que auxilia os jornalistas na busca por fonte de notícia no Brasil é a plataforma colaborativa Ajude um Repórter (ARPO). Segundo Gustavo Carneiro,¹¹ idealizador da ARPO, a ideia de criar a plataforma surgiu depois de sua experiência no exterior, ao observar a emergência de novas práticas jornalísticas e de relacionamento com a audiência. O objetivo da ARPO é auxiliar os jornalistas na busca por personagens para matérias em vias de produção, por meio da colaboração entre os próprios usuários. Iniciativas similares são a *Source Bottle*,¹² *Pitch Rate*,¹³ *Profnet*.¹⁴



Figura 1 – Home page da plataforma Ajude um Repórter, com espaço específico ao usuário cadastrado como fonte de notícia (assessores) e jornalista

Fonte: Plataforma Ajude um Repórter

¹⁰ As fontes para a pauta podem ser coletadas a partir do portal da emissora, que concentra o conteúdo produzido em diversos formatos por todos os outros suportes: impresso (<http://www.jornalmn.com.br/>), TV (<http://www.meionorte.com/tvmeionorte>) e rádio (<http://www.meionorte.com/radiomeionorte>). Sugestões de pauta chegam também por e-mail, ou são postadas no blog do programa (www.meionorte.com/ronda), na página do Facebook (www.facebook.com/meionorte) e SMS recebidas em um número de móvel específico para este fim. Esse material pode ser selecionado ainda na construção do espelho do programa pelas produtoras ou mesmo durante a exibição do programa pelo apresentador.

¹¹ Informação colhida em entrevista por e-mail.

¹² Disponível em: <<http://www.sourcebottle.com.au/>>.

¹³ Disponível em: <<http://pitchrate.com/>>.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.prnewswire.com/profnnet/>>.

Uma atividade recorrente em práticas de apuração jornalística, frente ao excesso de informações que circulam nos ambientes digitais, diz respeito à curadoria. Diante da horizontalidade dos processos e práticas de apuração, produção, circulação e distribuição de conteúdo e diferentemente da verticalização decorrente de uma série de estrangulamentos organizacionais nas redações, Quinn (2005) frisa a necessidade de se filtrar informação que não queremos saber e as pessoas as quais não queremos ouvir. Por este método, acredita-se ser possível excluir uma gama de informações que não interessam e nem contemplam a natureza da pauta do repórter. O conceito de curadoria tem despertado interesse entre os pesquisadores na tentativa de compreender sua incorporação aos processos e práticas comunicacionais (Ramos, 2012).

Podemos fazer relação do papel de curador digital com a função de *gatewacher*, uma vez que este também desempenha a função de selecionador. É uma espécie de porteiro que observa sem interferir diretamente nos *inputs* e *outputs* das informações *online*, mas que filtra os conteúdos que circulam em ambientes digitais para uso próprio ou mesmo para divulgação de uma dada informação em outras plataformas digitais, num sistema de replicagem de *links* (Bruns, 2005).

Se por um lado a tecnologia potencializa a divulgação de uma pluralidade de ângulos e enquadramentos ligados a um recorte de realidade, por meio de diversas possibilidades de apuração, por outro, requer mais cuidado dos profissionais na filtragem das informações disponíveis em ambientes digitais.

As chances de se encontrar dados inverídicos são potencializadas devido à abundância de dados disponíveis na Internet, além do tempo cada vez mais escasso para averiguá-los em função de uma série de estrangulamentos organizacionais.

Nesse sentido, Machado (2003) afirma que a qualidade do jornalismo praticado no ambiente digital depende de critérios

capazes de garantir a confiabilidade do sistema de apuração,¹⁵ bem como do domínio, tanto por parte dos profissionais quanto dos usuários, das técnicas adequadas para selecionar e hierarquizar informações diversas, com valor desigual e propósitos distintos.¹⁶

Por mais contundentes que sejam os exemplos que proporcionam a interação dos profissionais dos *media* como público, há quem afirme que a participação de amadores (não profissionais) constitua um problema para manutenção da qualidade da prática do jornalismo. Andrew Keen (2009) é um deles. Desencantado com as possibilidades interativas da rede mundial de computadores, Keen volta-se contra o amadorismo em diferentes áreas do conhecimento, incluindo o Jornalismo. O amadorismo, a seu ver, nada mais é do que uma “floresta interminável de mediocridade onde se produz e se publica o que quiser sem qualquer critério” (Keen, 2009, p. 8).

Por outro lado, o crescimento dos participantes amadores potencializado pelas redes telemáticas é colocado como a primeira contribuição para o aparecimento do *crowdsourcing*, de acordo com Howe (2009). Seria, então, a presença da classe amadora um mal necessário para a descentralização das etapas de produção jornalística, aumentando assim pluralidade de opiniões? Cria-se uma tensão sobre a modalidade *crowdsourcing* aplicada ao jornalismo, pois existe, por um lado, a possibilidade de divulgação de fatos inverídicos e por outro uma potencial diversificação de fontes de pesquisa e consulta.

Um exemplo que ilustra tal tensionamento aconteceu na imprensa dos Estados Unidos. Ryan Holiday, norte-americano de

¹⁵ A inserção do telefone na prática jornalística estimulou a divisão do trabalho: “a possibilidade de enviar informações fragmentadas por telefone tornou repórteres e correspondentes especialistas na apuração de dados (*‘news gatherers’*), enquanto a função de escrever as notícias tornou-se tarefa de outro profissional (*‘news writers’*)” (Franciscato, 2005, p. 52).

¹⁶ A esse respeito, ver também a obra intitulada “Manual de Verificação. Um guia definitivo para a verificação de conteúdo digital na cobertura de emergências”. Disponível em: <http://verificationhandbook.com/book_br/index.php>. Acesso em: 30 abr. 2014.

25 anos, deu início à empreitada de espalhar mentiras em matérias e reportagens de veículos *online*, *blogs* e publicações jornalísticas importantes dos Estados Unidos, a exemplo do jornal *The New York Times*.

Apresentando-se como fonte de notícia potencial para as matérias em via de produção, Holiday se infiltrou na HARO¹⁷ como especialista em diversas áreas de interesse para os repórteres, influenciando os profissionais com histórias interessantes, quando, na verdade, o “manipulador da mídia”, como se auto-intitula, não era especialista em nada.

A embaraçosa situação promoveu discussões entre diversas organizações e empresas de mídia, incluindo o criador da HARO, Peter Shankman. O que Holiday comprovou com sua atitude é que o jornalismo contemporâneo, quando não bem desempenhado seguindo o princípio básico de checagem-independente do tipo de mídia-, é suportado por bases frágeis, no que se refere a fontes de notícia.

Contudo, a decisão de incorporar a participação do leitor/usuário na construção do relato jornalístico não está circunscrita apenas ao binômio verdade-mentira das informações ou declarações. A competência/habilidade das fontes é um fator considerado ao se “desenhar” modalidades de participação em um processo de apuração.

Vejamos um exemplo de iniciativa malograda de *crowdsourcing* levada a cabo à época do incêndio da boate Kiss na cidade de Santa Maria (RS), ocorrido no dia 27 de janeiro de 2013. Pela proporção do acidente que vitimou centenas de jovens universitários, informações atualizadas eram divulgadas com frequência pela mídia. A imprecisão dos dados fazia parte da apuração jornalística durante as primeiras horas do ocorrido, e até mesmo nos dias subsequentes, principalmente em função da quantidade de pessoas envolvidas e da falta de inquérito dos órgãos competentes para identificar a (s) causa (s) do incêndio.

O caso da boate Kiss, como ficou conhecido, serviu de alerta para todo o país. Vários estados brasileiros iniciaram operações de fiscalização em casas noturnas, e algumas foram fechadas por não apresentarem condições adequadas para seu funcionamento.

Como forma de dinamizar sua cobertura jornalística e de ampliar a resolução semântica do acontecimento e do tema, o grupo Estadão, com sede na cidade de São Paulo, convidou seu público para participar de um projeto colaborativo, em que os leitores deveriam enviar imagens de casas noturnas que considerassem inseguras.¹⁸ As imagens seriam usadas na elaboração de um mapa das baladas inseguras no Brasil e repórteres do jornal seriam enviados aos estabelecimentos mencionados para averiguar a situação relatada e cobrar fiscalização das autoridades.

Esta iniciativa em *crowdsourcing* revela uma limitação quanto à presença de amadores numa atividade que deve ser realizada por profissionais. Que saber notório os frequentadores de casas noturnas dispõem para averiguar se essas casas são inseguras ou não? A iniciativa do grupo foi alvo de críticas do público leitor, que manifestou seu repúdio no espaço para comentários da página *online* da publicação.

Caso semelhante ocorreu na Maratona de Boston em abril de 2013. Como forma de auxiliar nas investigações e descobrir os autores da explosão de duas bombas que vitimaram três pessoas e deixou quase 200 feridos durante o evento, os membros do fórum *4Chan* lançou uma plataforma colaborativa em *crowdsourcing*, como um espaço paralelo à investigação realizada pelo FBI. A proposta da iniciativa era que as pessoas presentes na maratona enviassem imagens que pudessem servir como pistas dos autores do crime. Foram coletadas 57 fotos do local da explosão que percorriam os passos dos vários participantes, principalmente os que usam mochilas, já que este dado era a única pista das

¹⁷ Abreviação para *Help a Reporter Out*, versão norte-americana similar à plataforma Ajude um Repórter.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.rodrigooller.com/autocontrole/colabore-'estadao'-convida-leitores-a-fazer-mapa-das-baladas-inseguras-no-brasil/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

autoridades sobre os criminosos. Pessoas de origem muçulmana eram os principais suspeitos porque os Estados Unidos convivem sob a ameaça de ataques terroristas advinda de grupos islâmicos extremistas.

A imagem abaixo aponta uma pessoa caracterizada pelos membros do fórum como suspeita por quatro motivos: estar sozinha, ser morena, carregar uma mochila preta e não estar acompanhando a maratona.

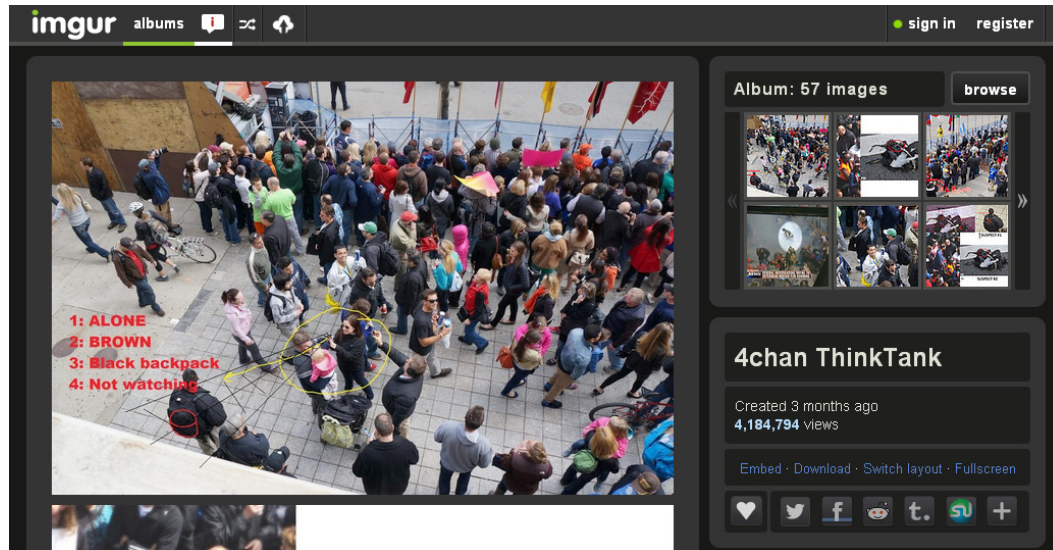


Figura 2 – Fórum 4Chan: iniciativa para descobrir o(s) suspeito(s) do atentado na maratona de Boston
Fonte: Plataforma 4Chan

O grande problema da iniciativa foi a negligência na apuração por parte dos *media*. O jornal impresso *The New York Post* foi um dos que se apropriou das imagens e causou desconforto às pessoas apontadas como suspeitas do crime numa edição que trazia o assunto como capa do periódico, quando na verdade o FBI estava à procura dos irmãos Tamerlan Tzarnáev e Dzhokhar Tsarnaev.¹⁹

Por mais que a iniciativa não tenha sido desenvolvida por um veículo de comunicação, sua apropriação como parâmetro da produção jornalística, apesar de configurar uma apuração distribuída, apresentou falhas graves nos procedimentos por creditar a responsabilidade de investigação a uma plataforma colaborativa que não possui respaldo de perícia.

Para sanar parte de problemas como estes e com o objetivo de tornar a prática de *crowdsourcing* mais “profissional”, algumas

organizações de mídia, como é o caso de *The Guardian*,²⁰ tem oferecido treinamento a profissionais visando a encontrar e fomentar a participação de leitores/usuários, fazer melhor uso dos ambientes e ferramentas digitais na busca e averiguação dos fatos e construir narrativas em hipermídia e multimídia utilizando a curadoria em mídias sociais, dentre outros.

Considerações finais

A partir de um estudo exploratório, o artigo buscou sistematizar e discutir, por meio de revisão bibliográfica e exemplos específicos, as potencialidades e limitações do *crowdsourcing* aplicado ao jornalismo, à luz da noção de arquitetura de participação.

Acreditamos que o artigo pode ser útil para os seguintes campos: 1) dado que sistematiza algumas práticas e processos de

¹⁹ Um dos acusados se matou e o outro foi capturado, jurando inocência.

²⁰ Disponível em: <http://www.theguardian.com/guardian-masterclasses/citizen-journalism-a-one-day-bootcamp-jon-henley-course?INTCMP=mic_233263>. Acesso em: 30 jul. 2014.

apuração em ambientes digitais convergentes, seu caráter pedagógico pode ser útil para profissionais da área, bem como para professores ligados à área de tecnologias digitais aplicadas ao jornalismo; 2) ao lançar perspectivas sobre possíveis “desenhos” de sistemas ou estratégias de apuração à luz

da noção de arquiteturas de participação, 3) coloca em perspectiva para estudos futuros alguns dos principais desafios ligados à deontologia profissional em decorrência da abertura da participação do público em processos produtivos jornalísticos.

(artigo recebido set.2015/aprovado abr.2016)

Referências

- BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. (Org.). **Notícias e mobilidade: o jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã: Labcom Livros, 2013, p. 33-54.
- BRIGGS, M. **Jornalismo 2.0: como sobreviver e prosperar**. Disponível em: <knightcenter.utexas.edu/Jornalismo_20.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- BRUNS, A. **Gatewatching: collaborative online news production**. New York: Peter Lang, 2005.
- DÓRIA, P. Jornalismo em Software. **O Globo**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/jornalismo-em-software-4718923#ixzz38sab3zp4>. Acesso em: 28 jul. 2014.
- FABIAN, F. E. **A utilização do crowdsourcing na comunicação organizacional: um estudo exploratório**. Monografia. Rio Grande do Sul: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012.
- FIDALGO, A. A resolução semântica no jornalismo online. In: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo de terceira geração**. Covilhã: Labcom Livros, 2007, cap. III, p. 101-168. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2014.
- HOWE, J. **O poder das multidões: por que a força da coletividade está remodelando o futuro dos negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- KEEN, A. **O culto do amador: como blogs, MySpace; YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MACHADO, E. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.
- MANUAL de Verificação. **Um guia definitivo para a verificação de conteúdo digital na cobertura de emergências**. Disponível em: <http://verificationhandbook.com/book/>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- MIELNICZUK, L., MARQUES, I. L. Sistemas publicadores para webjornalismo: mapalink, um protótipo para produtos de terceira geração. In: MACHADO, E; PALACIOS, M. (Orgs.). **O ensino do jornalismo em redes de alta velocidade: metodologias & software**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 141-158.
- PEREIRA JUNIOR, L. C. **A Apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- QUINN, S. **Convergent journalism: the fundamentals of multimedia reporting**. Nova York: Peter Lang Publishing, 2005.
- RAMOS, D. O. Anotações para compreensão da atividade do “curador de informação digital”. In: CORRÊA, E. N. S. (Org.). **Curadoria digital e o conceito de comunicação**. São Paulo: Eca/USP, 2012, p. 12-21.
- RÊGO, A. R. Webjornalismo de referência brasileiro. In: **Jornalismo, cultura e poder**. Teresina: Edufpi, 2007, p. 27-68.
- SOUSA, M. L. P. **Tecnologias digitais, convergência e interatividade na prática jornalística: estudo de caso da produção de conteúdo do Ronda**. Projeto de pesquisa na linha de pesquisa Processos e práticas em Jornalismo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), nível mestrado. Teresina: UFPI, 2013.
- TRÄSEL, M. Apuração distribuída como técnica de webjornalismo participativo. In: SCHWINGEL, C; ZANOTTI, C. A. (Orgs.). **Produção e colaboração no jornalismo digital**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 218-233.
- VIENER, K. The rise of the reader: journalism in the age of the open web. **The Guardian**. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2013/oct/09/the-rise-of-the-reader-katharine-viner-an-smith-lecture>. Acesso em: 29 abr. 2014.
- VIRISSIMO, V. **Apuração jornalística na internet: potencialidades e limites**. In: SBPJor- Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 6, 2008, São Bernardo do Campo- SP. Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo: a construção do campo do jornalismo no Brasil. São Paulo: SBPJor, 2008.